

Recebido em mai. 2009
Aprovado em jun. 2009

Kalagatos - REVISTA DE FILOSOFIA. FORTALEZA, CE, v. 6 n.11, INVERNO 2009

**PODE-SE EXPLICAR A CONSCIÊNCIA ATRAVÉS DE PROCESSOS CEREBRAIS?
OS ARGUMENTOS DE JOHN SEARLE CONTRA A CONCEPÇÃO DE THOMAS NAGEL**

TÁRIK DE ATHAYDE PRATA *

RESUMO

O artigo analisa os argumentos de Searle contra a tese da lacuna explanatória, tal como ele a vê na teoria de Thomas Nagel. Seus argumentos (cf. seções III e IV) – baseados num exame do conceito de necessidade – exibem diversas fragilidades, de modo que ele fracassa em refutar a referida tese.

PALAVRAS-CHAVE

Consciência. Problema mente-corpo. Lacuna explanatória. John Searle. Thomas Nagel.

ABSTRACT

The article analyzes Searle's arguments against the explanatory gap thesis, so as he sees this thesis in the theory of Thomas Nagel. His arguments (see sections III and IV) – based on an investigation of the concept of necessity – have many fragilities, so that he fails to refuse the mentioned thesis.

KEYWORDS

Consciousness. Mind-body problem. Explanatory gap. John Searle. Thomas Nagel.

* Psicólogo, Doutor em Filosofia pela UNIVERSIDADE DE HEIDELBERG (Alemanha). Professor adjunto do Departamento de Filosofia da UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE –UFS. O presente trabalho foi realizado com o apoio da bolsa de DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO REGIONAL (CNPQ/ FUNCAP) no DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ–UFC.

I. INTRODUÇÃO

Ao formular a sua solução para o problema mente-corpo, por ele chamada de “Naturalismo Biológico”, o filósofo John Searle recorre explicitamente à possibilidade de uma explanação causal dos fenômenos mentais através de processos cerebrais. Trata-se de uma *possibilidade* na medida em que tal explanação, no atual estado de nosso conhecimento neurocientífico, ainda não se encontra ao nosso alcance. De todo modo, ele apresenta a eventual posse de uma explanação desse tipo como essencial para a solução do problema mente-corpo: “Se tivéssemos uma ciência do cérebro adequada, uma descrição do cérebro que fornecesse *explanações causais* da consciência em todas as suas formas e variações, e se superássemos nossos erros conceituais, não restaria nenhum problema mente-corpo.” (SEARLE, 1992, p. 100 [148], grifo meu)¹ Para se alcançar uma explanação

¹ Note-se que os argumentos de Searle tratam, quase sempre, da *consciência*, enquanto eu me refiro aos *fenômenos mentais*. Mas isso se justifica pelo fato de que a consciência, para ele, é a base de nossa noção de mente: “não há como estudar os fenômenos da mente sem, implícita ou explicitamente, estudar a consciência. A razão básica disso é que realmente não temos noção do mental independentemente de nossa noção de consciência.” (SEARLE, 1992, p. 18 [31]) Cf. (Ibid, p. 84 [125-6]): “A razão para enfatizar a consciência numa explicação da mente é que ela é a noção mental central. De uma maneira ou de outra, todas as outras noções mentais – como intencionalidade, subjetividade, causação mental, inteligência etc. – só podem ser plenamente compreendidas como *mentais* por meio de suas relações com a consciência.” A primeira numeração é da página da edição original em inglês e a numeração entre colchetes é a da tradução em língua portuguesa (quando disponível). As referências de todas as edições utilizadas estão no final do artigo. As citações em língua estrangeira foram traduzidas para o português pelo autor do presente trabalho.

detalhada do mental ele sugere o seguinte procedimento: (a) encontrar os correlatos neurais da consciência (NCC); (b) testar o caráter *causal* das correlações encontradas e (c) construir uma *teoria* que articule as relações causais específicas sob princípios gerais (cf. SEARLE, 2002, p. 49; 2004, p. 146). O caráter causal seria constatado se os correlatos possuissem *suficiência* e *necessidade causais* sobre a consciência.² Mesmo que uma explicação desse tipo ainda não esteja disponível, o autor acha que isso significa apenas a continuidade da parte *empírica* do problema mente-corpo – cuja solução depende do progresso das neurociências – pois a parte conceitual já estaria resolvida na medida em que dispomos de uma concepção da *estrutura geral* das relações entre cérebro e mente (cf. SEARLE, 1983, p. 267 [370]; 1984, p. 23-4 [30]), a saber, a concepção de que os fenômenos mentais são *causados* por processos cerebrais e *realizados* no sistema cerebral no nível macroscópico (cf. p. ex. SEARLE, 1992, p. 1 [7]).

Porém, Searle está plenamente ciente de uma grande dificuldade apontada por diversos pensadores para um tal projeto de explanação dos fenômenos

² “Para estabelecer a necessidade, nós descobrimos se um sujeito que tem o NCC em questão removido perde, por causa disso, a consciência; para estabelecer a suficiência nós descobrimos se um sujeito que, se outro modo, estaria inconsciente pode ser trazido à consciência pela indução do NCC em questão” (SEARLE, 2002, p. 50; cf. SEARLE, 1992, p. 74-5 [111-2]). “To establish necessity, we find out whether a subject who has the putative NCC removed thereby loses consciousness; to establish sufficiency, we find out whether an otherwise unconscious subject can be brought to consciousness by inducing the putative NCC.”

mentais. Ele se refere explicitamente a um autor que foi o precursor dessa discussão na filosofia da mente contemporânea, Thomas Nagel³, reconhecendo que as teses desse autor são as “mais desafiadoras” (SEARLE, 2002, p. 24) para a sua solução do problema mente-corpo. Trata-se do problema da *lacuna explanatória* (*explanatory gap*), termo que se celebrou a partir de um artigo de Joseph Levine publicado no início dos anos 80 (cf. LEVINE, 1983), no qual o autor pretendia articular uma crítica ao materialismo. Entretanto, Levine tinha objetivos bem mais modestos do que outros críticos contemporâneos do materialismo, pois enquanto esses críticos pretendem afirmar uma distinção *real* entre fenômenos mentais e fenômenos físicos (o que constituiria uma tese ontológica), Levine pretendia apenas indicar uma limitação *do nosso entendimento* da relação entre tais fenômenos (o que não necessariamente implicaria uma tese no campo da ontologia). As considerações de Levine são uma re-elaboração do famoso argumento modal de Saul Kripke contra a teoria da identidade mente-cérebro – apresentado no clássico *Naming and Necessity*, de 1972 – que Kripke articula ao refletir sobre um antigo argumento elaborado por René Descartes para apoiar a tese de uma distinção real entre a alma e o corpo do homem, exposto na sexta de suas *Meditações Metafísicas*, de 1641.⁴

³ “a possibilidade de qualquer solução para o problema mente-corpo foi vigorosamente desafiada ao longo dos anos pelos escritos de Thomas Nagel” (SEARLE, 1992, p. 100 [148]).

⁴ Um exame detalhado do argumento cartesiano, com a consideração de diversas possibilidades interpretativas, se encontra em BECKERMANN (1986).

É fato que Nagel influenciou decisivamente o argumento de Levine.⁵ Mesmo assim, chama a minha atenção que Searle se refira apenas a Nagel, quando discute o problema da explanação dos fenômenos mentais, ignorando Levine e David Chalmers, autor que influencia fortemente as discussões mais recentes sobre o tema. Ainda mais curioso é o fato de Searle discutir o problema praticamente sem usar o termo “lacuna explanatória”⁶, embora seja claro em algumas passagens que ele está se ocupando exatamente do problema da explanação, cuja solução é essencial para o sucesso do Naturalismo Biológico.

O presente trabalho examina uma passagem da obra de Searle onde ele discute o problema da explanação dos fenômenos mentais de modo bastante detalhado – a seção número 3 do quarto capítulo do livro *A redescoberta da mente* – recorrendo em alguns momentos a passagens de outras obras para clarificar a exposição, e tem como objetivo avaliar se os argumentos do autor contra a concepção de Nagel são convincentes. Para isso, será primeiramente apresentado o modo como Searle

⁵ Sobre Nagel, Levine escreve o seguinte: “Meu argumento neste artigo é influenciado pelo argumento de Thomas Nagel em seu texto *Como é ser um morcego?* (...) como leitores familiarizados com o texto de Nagel vão perceber ao longo do desenvolvimento do meu artigo” (LEVINE, 1983, p. 361). “My argument in this paper is influenced by Thomas Nagel’s in his paper *What Is It Like To Be a Bat?* (...) as readers who are familiar with Nagel’s paper will notice as it develops.”

⁶ Conheço uma única ocorrência do termo “*explanatory gap*” em toda a obra de Searle, (cf. SEARLE, 2004, p.40), mas em uma passagem onde ele não faz menção a Levine ou a qualquer outro autor.

reconstitui a concepção de Thomas Nagel (seção II). Em seguida serão examinados cada um dos argumentos que ele apresenta contra essa concepção: a flexibilização da exigência de necessidade, a relativização ao background teórico (seção III), a impossibilidade de um ponto de vista externo à subjetividade e a concepção *nomológica* da necessidade (seção IV). Por fim serão discutidos algumas limitações da concepção de explanação de Searle que a tornam insatisfatória (seção V).

II. A RECONSTITUIÇÃO DO ARGUMENTO DE THOMAS NAGEL

Na terceira seção do quarto capítulo de *A redescoberta da mente*, intitulado “A consciência e seu lugar na natureza”, Searle reconstitui a concepção de Nagel da seguinte forma:

No presente, simplesmente não temos o aparato conceitual nem sequer para conceber uma solução para o problema mente-corpo. Isto pelo seguinte motivo: as explicações causais nas ciências naturais têm uma espécie de necessidade causal. Entendemos, por exemplo, como o comportamento de moléculas de H₂O faz com que a água esteja numa forma líquida, porque percebemos que a liquidez é uma consequência necessária do comportamento molecular. (SEARLE, 1992, p. 100-1 [148]).

Nosso entendimento do modo como o comportamento do sistema no nível microscópico causaria a propriedade sistêmica no nível macroscópico dependeria da capacidade da teoria de nos mostrar,

porque *tem de ser* assim. O motivo pelo qual uma teoria poderia nos mostrar isso é tornado claro por ele através do seguinte exemplo:

A teoria molecular faz mais que mostrar que sistemas de moléculas de H₂O estarão líquidas sob determinadas condições; mais exatamente, mostra porque o sistema *tem que estar* numa forma líquida. Supondo que entendamos a física em questão, é inconcebível que as moléculas se comportassem daquela maneira e a água não estivesse num estado líquido. (SEARLE, 1992, p. 101 [149]).⁷

⁷ Interessante notar a afirmação de que a teoria em questão, mais do que apenas mostrar *que* o sistema é líquido, mostra *porque* ele tem que se encontrar nesse estado. Searle parece estar levando em conta a distinção entre conhecimento *descritivo* e conhecimento *explicativo*: “A busca por conhecimento científico remonta à antiguidade. Em algum ponto dessa empreitada, pelo menos por volta do tempo de Aristóteles, os filósofos reconheceram que uma distinção fundamental deveria ser traçada entre dois tipos de conhecimento científico – em termos gerais, o conhecimento *que* e o conhecimento do *porque*. Uma coisa é saber que todos os planetas invertem periodicamente a direção de seu movimento em relação ao pano de fundo das estrelas; outra coisa muito diferente é saber *porque*. Conhecimento do primeiro tipo é descritivo; conhecimento do segundo tipo é explanatório. É o conhecimento explanatório que provê um entendimento científico do mundo” (SALMON, 1989, p. 3). “The search for scientific knowledge extends back into antiquity. At some point in that quest, at least by the time of Aristotle, philosophers recognized that a fundamental distinction should be drawn between two kinds of scientific knowledge – roughly, knowledge *that* and knowledge *why*. It is one thing to know *that* each planet periodically reverses the direction of its motion with respect to the background of fixed stars; it is quite a different matter to know *why*. Knowledge of the former type is descriptive; knowledge of the latter type is explanatory. It is explanatory knowledge that provides scientific understanding of our world”.

Mas enquanto isso parece claro no caso da liquidez (exatamente um dos exemplos de Searle para clarificar a relação entre propriedades sistêmicas e o nível microscópico do sistema), no caso do caráter qualitativo de um estado de consciência as coisas são bem diferentes:

Nenhuma descrição possível do comportamento neurônico explicaria porque, dado esse comportamento, *temos que estar*, por exemplo, com dor. Nenhuma descrição poderia explicar porque a dor foi a consequência necessária de certos tipos de descargas neurônicas. A prova de que a descrição não nos fornece necessidade causal é que podemos sempre conceber o oposto. Podemos sempre conceber um estado de coisas no qual a neurofisiologia se comporte de qualquer maneira e que você queira especificar, mas no qual, mesmo assim, o sistema não esteja com dor. (SEARLE, 1992 p. 101 [149]).

A partir dessa diferença entre explicações comuns das ciências naturais e as tentativas de explicar a consciência Nagel tiraria a conclusão de que uma explicação da consciência *não está a nossa disposição*. O argumento é resumido por Searle da seguinte maneira:

Se a explicação científica conveniente implica necessidade, e necessidade implica inconcebibilidade do oposto, então, por contraposição, a concebibilidade do oposto implica que não temos necessidade, o que, por sua vez, implica que não tenhamos nenhuma explicação. (SEARLE, 1992, p. 101 [149]).

Um primeiro ponto que chama a minha atenção é que Searle ressalta a exigência por *necessidade* na

explicação, exigência que não é tão profundamente discutida por Nagel – sendo por ele comentada rapidamente em seu clássico artigo *Como é ser um morcego?* (cf. NAGEL, 1974, p. 445-6) – e que é justamente o ponto central do argumento da lacuna explanatória tal como articulado por Levine. Ou seja, me parece claro que Searle interpretou a teoria de Nagel a partir do argumento da lacuna explanatória surgido na década de 1980, de modo que parece ainda mais estranho que ele não discuta explicitamente as idéias de Levine, que expressam mais diretamente o ponto de vista que Searle ataca. Um segundo ponto que chama minha atenção é que o filósofo caracteriza a necessidade exigida para uma explicação científica como “causal”, o que não se aplica aos pontos de vista de Nagel – que não caracteriza claramente o tipo de necessidade que ele tem em mente – ou de Levine – que se refere a uma necessidade *epistêmica* e não causal como diz Searle. A impressão que isso dá é que Searle está confundindo a posição dos autores atacados com a sua própria, ou no mínimo incorrendo numa falta de rigor terminológico. No que se segue será apresentado o modo como Searle tenta refutar esse argumento, que ele atribui a Nagel.

Mas antes de passar para esse tema, é importante tecer algumas considerações sobre a noção de *subjetividade* articulada por Nagel, cujo entendimento é necessário para se compreender um dos argumentos de Searle contra ele (cf. seção IV.A. abaixo). Em *Como é ser um morcego?* o autor afirma que as concepções reducionistas acerca da mente abordam o problema da consciência de modo completamente equivocado, porque tais concepções não dão conta do aspecto mais importante

dos fenômenos mentais conscientes (cf. NAGEL, 1974, p. 435-6), a saber, o seu *caráter subjetivo*. Se um determinado organismo possui experiência consciente, então, segundo Nagel, tem de haver *uma maneira* como é ser esse organismo, como é *para o organismo* ser assim, vivenciar o mundo como ele vivencia (cf. *ibid*, p. 436) e isso é justamente o caráter subjetivo da experiência. Tal caráter constituiria um gigantesco obstáculo para as teorias reducionistas da mente porque ele estaria essencialmente ligado a um *ponto de vista* particular, enquanto os fenômenos físicos, aos quais os fenômenos mentais conscientes deveriam ser reduzidos, existem de modo independente de qualquer ponto de vista (cf. *ibid*, p. 437). Para ilustrar a relação entre o caráter subjetivo e esse ponto de vista, Nagel introduziu um experimento mental hoje clássico na filosofia da mente, que deixa clara a diferença entre a abordagem de fenômenos subjetivos e objetivos na sua teoria.

Nagel usa o exemplo de um morcego, que percebe o mundo externo através de um sonar, e nos pede para imaginar como é, para ele, perceber o mundo dessa forma. Uma vez que nossa percepção do mundo é feita de modo radicalmente diferente da do morcego (nós percebemos o mundo principalmente através da visão, enquanto o morcego percebe principalmente através da audição, sendo que mesmo a audição do morcego e a nossa se diferenciam radicalmente, p.ex., no espectro de frequências que são audíveis para um e para outro), Nagel conclui, convincentemente no meu modo de entender, que é praticamente impossível para um ser humano imaginar isso, imaginar como é para o morcego perceber o mundo através de um sonar. Isso mostra que a experiência consciente do

morcego está, na terminologia de Nagel, essencialmente ligada a um *ponto de vista*, que é inacessível para nós, no sentido de que não podemos assumí-lo. Tal ponto de vista, afirma Nagel, não diz respeito à vivência individual, não é subjetivo no sentido de particular a um único indivíduo, mas é o modo como uma *espécie* percebe a realidade à sua volta (por sermos humanos, conhecemos o ponto de vista que caracteriza a vivência de outros seres humanos – afirma Nagel, sem argumentar para isso). O problema para o reducionismo é que o exame da neurofisiologia objetiva do morcego não parece nos dar nenhuma contribuição para que nós possamos saber como é, *para o morcego*, ser um morcego (cf. NAGEL, 1974, p. 442). O exame de processos objetivos (como os processos neurológicos do morcego) não nos ajuda em nada se quisermos saber como é (para o ser em questão) instanciar fenômenos mentais subjetivos. A abordagem da objetividade (a independência de pontos de vista) não nos aproxima da subjetividade, mas antes nos afasta dela (cf. NAGEL, 1974, p. 444-5). Essa caracterização da noção de subjetividade apresentada por Nagel deve permanecer presente quando se considerar a argumentação de Searle contra sua concepção.

III. FLEXIBILIZAÇÃO DA EXIGÊNCIA DE NECESSIDADE E RELATIVIZAÇÃO AO *BACKGROUND* TEÓRICO

A) FLEXIBILIZAÇÃO DA EXIGÊNCIA DE NECESSIDADE

Searle tenta, no meu modo de entender, *flexibilizar* e exigência de necessidade na conexão entre fenômenos mentais e biológicos. Ele afirma que nem toda explicação científica é capaz de demonstrar uma conexão necessária

entre determinados fenômenos, como parece haver no caso, p. ex. da propriedade de liquidez e o movimento molecular: “a lei do inverso do quadrado é uma explicação da gravidade, mas não mostra porque os corpos *têm que ter* atração gravitacional” (SEARLE, 1992, p. 101 [150]). Sobre a necessidade exigida por Nagel, ele escreve em seu mais recente livro:

Eu penso que esse senso de necessidade é em grande parte uma ilusão gerada por analogias que nós traçamos entre movimento molecular e objetos comuns que nos cercam. Nós pensamos que a mesa deve suportar objetos porque nós pensamos o movimento molecular formando uma estrutura reticulada do tipo com o qual nós estamos familiarizados. *Mas não é uma característica geral das explicações em ciência que elas devam expressar algum senso intuitivo de como as coisas devem necessariamente ocorrer.* Ao contrário, a natureza é radicalmente contingente. Muitos dos mais importantes princípios explanatórios em ciência não são de modo algum intuitivos ou óbvios. Pense na equação de Schroendiger, na constante de Planck ou, no famoso $e=mc^2$ de Einstein. Em cada um desses casos, isso é apenas o modo como a natureza veio a ser. Ela não teria que se tornar desse modo, mas esse é de fato o modo como ela veio a ser. (SEARLE, 2004, p. 147, grifos meus)⁸

⁸ “I think this sense of necessity is largely a illusion generated by analogies we draw between molecular behaviour and familiar objects around us. We think that the table must support objects because we think of the molecular movements as forming a kind of lattice of the sort that we are familiar with. *But it is not a general feature of explanations in science that they should convey some intuitive sense that this is how things must necessarily* [Continua]

Porém salta aos olhos que Searle recorre aqui ao exemplo de *leis naturais fundamentais*, e não é nada óbvio que o caso dessas leis possa ser comparado com o caso das *propriedades sistêmicas* (como a consciência). No artigo em que propôs pela primeira vez o argumento da lacuna explanatória, LEVINE (1983) argumenta explicitamente contra esse tipo de estratégia utilizada por Searle. Levine reconhece que a lei da gravitação explica o fenômeno da queda dos corpos, e que o valor da constante de gravitação G não pode ser deduzido de leis mais fundamentais, de tal modo que parece se tratar de um *fato bruto* da natureza. Ele se questiona se essa situação gera a impressão de que algo mais deveria ser explicado, ou se se deveria esperar que alguns fatos parecessem ser assim arbitrários. Levine está inclinado, no caso da constante da gravitação, para a segunda atitude (ou seja, aceitar a aparente arbitrariedade), mas pensa que a coisa é bem diferente no caso da relação entre fenômenos mentais e físicos:

Primeiro de tudo o fenômeno da consciência surge no nível macroscópico. Isto é, somente sistemas físicos altamente organizados exibem fenômenos mentais. Isso é, é claro, o que alguém esperaria se os fenômenos mentais fossem um assunto da organização

[Continuação da Nota 8] *occur*. On the contrary, nature is radically contingent. Many of the most important explanatory principles in science are by no means intuitive or obvious. Think of the Schroedinger equation or Planck's constant or for the matter, Einstein's famous $e=mc^2$. In each case, this is just how nature turned out. It did not have to turn out that way, but this is in fact how it did turn out."

funcional. Agora, apenas parece estranho que fatos primitivos do tipo aparentemente representado por asserções como (1) [dor é a estimulação das fibras C] e (3) [estar com dor é estar no estado funcional F] devessem surgir nesse nível de organização. (LEVINE, 1983, p. 358).⁹

No caso de propriedades sistêmicas de nível superior (diferentemente de leis naturais fundamentais como a da gravitação) parece razoável esperar que uma teoria pudesse mostrar porque a propriedade *tem que* surgir a partir do comportamento da microestrutura. O recurso ao caso de leis naturais fundamentais por si só não parece ser de grande ajuda para esclarecer a aparente arbitrariedade das propriedades sistêmicas mentais, simplesmente porque o caso das leis naturais e o caso das propriedades sistêmicas são *radicalmente diferentes*. Ao recorrer ao caso das leis naturais Searle parece desviar sua atenção do problema propriamente dito.

B) RELATIVIZAÇÃO AO *BACKGROUND* TEÓRICO

Searle tenta também explicar a aparência de uma conexão necessária entre fenômenos em uma explicação

⁹ "First of all the phenomenon of consciousness arises on the macroscopic level. That is, it is only highly organized physical systems which exhibit mentality. That is of course what one would expect if mentality were a matter of functional organization. Now, it just seems odd that primitive facts of the sort apparently presented by statements like (1) [Pain is the firing of C-fibers] and (3) [To be in pain is to be in the functional state F] should arise at this level of organization."

científica recorrendo ao nosso *background teórico*.¹⁰ A diferença entre a explicação da liquidez através do movimento molecular, por um lado, e a explicação dos fenômenos mentais através dos processos cerebrais, por outro lado, poderia ser devida ao fato de que, no primeiro caso, nós dispomos de uma teoria muito convincente, enquanto no segundo caso não. A explicação da liquidez através do movimento molecular nos parece evidente, mas poderia ser que ela não parecesse assim para alguém que não dispusesse do *background teórico* apropriado:

[...] a aparente “necessidade” de qualquer explicação científica pode ser meramente uma função do fato de que consideramos a explicação tão convincente que não podemos, por exemplo, conceber as moléculas se movimentando de um modo particular e a H₂O não sendo líquida. Uma pessoa na antiguidade ou na idade

¹⁰ Com a expressão “background teórico”, pretendo designar tanto o conhecimento de uma teoria quanto o seu conteúdo (e força explanatória). Trata-se do fato de que alguém tem conhecimento (ou não) de uma teoria e do fato de que essa teoria consegue (ou não) explicar a relação entre certos fenômenos. Existem pessoas (como existiam na antiguidade ou na idade média), que não dispõem de uma teoria sobre o movimento molecular, de modo que elas não dispõem do *background teórico* apropriado para compreender a relação entre a liquidez e o movimento molecular. Nós estamos familiarizados com uma tal teoria, de modo que podemos entender essa relação. Mas no caso dos fenômenos mentais as teorias neurocientíficas disponíveis *não* parecem ter força explanatória suficiente, de modo que, mesmo conhecendo essas teorias, não temos o *background teórico* apropriado para entender a relação entre fenômenos mentais e processos cerebrais.

média podia não ter considerado a explicação uma questão de “necessidade”. (SEARLE, 1992, p. 101 [150]).

Ao que parece trata-se, para Searle, não de uma necessidade genuína, mas sim de uma *impressão subjetiva*, que uma teoria convincente poderia gerar. Com essas reflexões Searle tenta, no meu modo de entender, fazer a necessidade das explicações físicas usuais parecer *questionável*. Por isso me parece muito estranho que ele *logo em seguida* tente mostrar que a explicação do mental através do neurobiológico poderia, sim, ser necessária. Imediatamente após a última citação (SEARLE, 1992, p. 101 [150]). Searle escreve:

O “mistério” da consciência hoje é aproximadamente da mesma espécie que o mistério da vida antes do desenvolvimento da biologia molecular ou o mistério do eletromagnetismo antes das equações de Clerk-Maxwell. Parece misterioso porque não sabemos como o sistema de neurofisiologia/consciência funciona, e um conhecimento adequado de como ele funciona eliminaria o mistério. (SEARLE, 1992, p. 101-2 [150]).

A tentativa de Searle de sugerir que a explicação do mental poderia ser necessária (embora ele tivesse acabado de afirmar que a necessidade de certas explicações científicas poderia ser ilusória) se torna ainda mais clara, quando ele procura argumentar para a tese de que a *contingência* que parece caracterizar a relação entre processos cerebrais e consciência pode se dever simplesmente à nossa *ignorância*. Poderia ser que

essa relação nos parece contingente porque não dispomos de uma teoria neurobiológica da consciência. A obtenção de uma tal teoria poderia nos colocar em posição de perceber uma relação necessária entre processos cerebrais e consciência: “Dado um completo entendimento do cérebro, parece-me provável que consideraríamos óbvio que, se o cérebro estivesse em um determinado tipo de estado, teria que ser consciente.” (SEARLE, 1992, p. 102 [150]).

Com essa argumentação Searle parece querer fundamentar a tese de que poderia nos parecer evidente, que estados de consciência surjam como consequência de determinados fenômenos neurobiológicos. Mas essa argumentação pode ser considerada como completamente *inapropriada* para tal objetivo. Como Martine NIDA-RÜMELIN (2002a: 217) já destacou, a argumentação acima citada (SEARLE, 1992, p. 102 [121-2]) parece simplesmente ser uma argumentação para a tese de que se poderia constatar *conexões nomológicas* entre fenômenos mentais e processos cerebrais, o que de nenhum modo significaria que se poderia perceber a relação entre mente e cérebro com *necessidade conceptual* (*conceptual necessity*):

Como tem sido claramente salientado por Levine, Chalmers e outros, o ponto *não* é que nós não poderíamos ter conhecimento de leis naturais que conectem estados cerebrais em termos de sua microestrutura com instanciações de propriedades c.¹¹

¹¹ “propriedades c” seriam propriedades que só existem acompanhadas de uma experiência consciente, cf. NIDA-RÜMELIN (2002a, pp. 206 e 220).

Se soubéssemos exatamente com base em dados experimentais quais condições neurobiológicas estão ligadas com necessidade nomológica a, por exemplo, a experiência da alegria, então em algum sentido poderíamos explicar com base em dados sobre o cérebro de uma dada pessoa porque ele ou ela tem a experiência de alegria em um certo momento: seu cérebro está em tal e tal estado, estados desse tipo fazem nomologicamente necessário que a pessoa em questão tenha a experiência da alegria; portanto a pessoa tem a experiência da alegria. Mas a possibilidade desse tipo de explanação nunca foi posta em dúvida por aqueles que defendem a tese da lacuna explanatória. É claro que podemos saber da conexão nomológica entre estados cerebrais e a experiência da alegria e ainda assim não ter nenhum *entendimento* de como é o caso que um cérebro com uma certa microestrutura (a) leva ao surgimento de um sujeito de experiência e (b) causa a ocorrência do tipo qualitativo específico em questão. (NIDA-RÜMELIN, 2002a, p. 216).¹²

¹² “As has been clearly pointed out by Levine, Chalmers and others, the point is *not* that we couldn’t have knowledge about natural laws that connect states of the brain in terms of its microstructure with instantiations of c-properties. If we knew on the basis of experimental data what exactly the neurobiological conditions are that lead with nomological necessity to for instance the experience of joy, then in some sense we could explain on the basis of data about the brain of a given person why he or she experiences joy in a certain moment: Her brain is in such-and-such a state; states of this kind necessitate nomologically that the person at issue experiences joy; therefore the person experiences joy. But the possibility of this kind of explanation has never been doubted by those who defend the explanatory gap thesis. We can of course know of the nomological connection between brain states and the experience of joy and yet not have no *understanding* of how it comes about that a brain with a certain microstructure (a) leads to the existence of a subject of experience and (b) causes the occurrence of the specific qualitative kind at issue.”

Assim, Searle parece *confundir* a capacidade de se constatar leis causais (como por exemplo entre ferimentos e dores¹³), com a capacidade de se perceber uma relação entre fenômenos com necessidade conceitual. Se for assim, ele passa longe do verdadeiro problema quando tenta relativizar a necessidade ao background teórico com a argumentação acima exposta. É claro que Searle se opõe à tese da lacuna explanatória, apresentada por Nida-Rümelin na passagem citada, mas para refutar a tese não basta *afirmar* que conexões causais seriam suficientes, seria necessário *fundamentar* essa concepção.

E de fato Searle tenta fornecer uma tal fundamentação, que poderia ser uma resposta à crítica (apresentada acima) de que ele confunde a necessidade conceitual com a nomológica. O autor acredita que a constatação de conexões nomológicas seria *suficiente para uma explicação genuína*, mesmo se a relação entre os fenômenos (no nosso caso estados mentais conscientes e processos cerebrais) não possa ser percebida como intuitivamente necessária.

¹³ "Repare que já aceitamos essa forma de necessidade causal de estados conscientes para fenômenos visíveis em geral. Por exemplo, se vejo um homem gritando com seu pé preso numa prensa de perfuração, então sei que o homem deve estar com uma dor terrível. Para mim é inconcebível, em certo sentido, que um ser humano normal estivesse numa tal situação e não sentisse uma dor terrível. As causas físicas tornam necessária a dor." (SEARLE, 1992, p. 102 [150-1]).

IV. A IMPOSSIBILIDADE DE UM PONTO DE VISTA EXTERNO E A NECESSIDADE CAUSAL NOMOLÓGICA

O passo seguinte de Searle em sua argumentação contra Nagel é afirmar que mesmo se a relação entre fenômenos mentais e neurobiológicos nunca nos parecesse intuitivamente evidente, ou seja, mesmo que Nagel tenha razão e a relação permaneça de um certo modo “misteriosa”, essa dificuldade não poderia colocar em questão o *fato* de que os fenômenos mentais têm uma natureza biológica. Pois a argumentação de Nagel teria a ver com nossa *capacidade de imaginação* e não com o modo como o mundo de fato funciona.¹⁴ Apesar da dificuldade destacada por Nagel, nós teríamos motivos suficientes para aceitar que os fenômenos mentais têm uma natureza biológica.¹⁵ Searle procura *primeiramente*

¹⁴ “Entranto, admitamos a parte essencial da exposição de Nagel para a finalidade de argumentação. Nada se deduz acerca de como o mundo realmente funciona. A limitação para que Nagel chama a atenção é apenas uma limitação de nossas capacidades de concepção.” (SEARLE, 1992, p. 102 [151]).

¹⁵ “Dado nosso atual aparato explanatório, não é de modo algum óbvio, dentro desse aparato, como nós podemos explicar o caráter causal da relação entre descargas neuronais e estados conscientes, mas, no presente, do fato de que nós não sabemos *como* isso ocorre, não se segue que nós não sabemos *que* isso ocorre.” (SEARLE, 2002, p. 10) “Given our present explanatory apparatus, it is not at all obvious how, within that apparatus, we can account for the causal character of the relation between neuron firings and conscious states, but, at present, from the fact that we do not know *how* it occurs, it does not follow that we do not know *that* it occurs.” “Alguns filósofos e neurocientistas acham que nunca teremos uma explicação da subjetividade: pode ser que nós nunca expliquemos porque coisas quentes são sentidas como quentes[**Continua**]

elucidar o fato de que a explicação do mental pelo neurobiológico não exige nenhuma necessidade conceptual (ou seja, o fato de que é sempre possível imaginar que existam processos cerebrais sem a presença de consciência) e *em segundo lugar* ele procura especificar que tipo de necessidade seria suficiente para que se considere os fenômenos mentais como explicados através de fenômenos neurobiológicos.

A) A IMPOSSIBILIDADE DE UM PONTO DE VISTA EXTERNO À SUBJETIVIDADE

Para resolver a dificuldade que a aparente contingência da relação entre mente e cérebro cria para o Naturalismo Biológico, Searle procura reduzir tal contingência a uma limitação da nossa capacidade de imaginação. A contingência não impediria que os

[Continuação da Nota 15] e coisas vermelhas são sentidas como vermelhas. Para esses céticos há uma resposta simples: nós sabemos que isso acontece. Nós sabemos que processos cerebrais causam todas os nossos pensamentos e sensações internos, qualitativos e subjetivos. Porque nós sabemos que isso acontece, nós deveríamos tentar entender como isso acontece. Talvez no fim nós fracássemos mas nós não podemos supor a impossibilidade do sucesso antes de tentar." (SEARLE, 2002, p. 43) "Some philosophers and neuroscientists think we can never have an explanation of subjectivity: We can never explain why warm things feel warm and red things look red. To these sceptics there is a simple answer: We know it happens. We know that brain processes cause all of our inner qualitative, subjective thoughts and feelings. Because we know that it happens, we ought to try to figure out how it happens. Perhaps in the end we will fail but we cannot assume the impossibility of success before we try."

fenômenos mentais sejam *biológicos*, porque ela não teria a ver com o modo como o mundo realmente funciona. Searle afirma que Nagel pode *no máximo* mostrar que nós não podemos abandonar o nosso ponto de vista subjetivo de modo a reconhecer a relação necessária entre nossa consciência e a sua base material:

[...] no caso das relações entre fenômenos materiais e fenômenos materiais, podemos subjetivamente formar uma imagem de ambos os lados da relação; mas no caso das relações entre fenômenos materiais e fenômenos mentais, um lado da relação já é subjetivo, e, portanto, não podemos conceber sua relação com os fenômenos materiais da maneira que podemos conceber as relações entre liquidez e movimento de moléculas, por exemplo. (SEARLE, 1992, p. 102 [151]).

A argumentação de Nagel apontaria para uma diferença entre os fenômenos subjetivos e objetivos que nos levaria a não *poder perceber* como os dois tipos de fenômenos poderiam estar em uma relação necessária (embora eles estejam, de fato, em uma relação necessária). Searle afirma que essa diferença se deve simplesmente ao fato de que nós não podemos sair da nossa subjetividade e alcançar um ponto de vista *externo*, de onde a formação de uma *imagem* seria possível:

Formamos uma imagem [picture] da necessidade baseada na nossa subjetividade, mas não podemos dessa maneira formar uma imagem da necessidade da relação entre a subjetividade e os fenômenos

neurofisiológicos, porque já estamos na subjetividade, e a relação de fazer uma imagem [picturing relation] exigiria que nós saíssemos da subjetividade. (Se a solidez fosse consciente, iria parecer-lhe misterioso que fosse causada por movimentos vibratórios em estruturas de agregados, mas mesmo assim esses movimentos explicam a solidez.) (SEARLE, 1992, p. 102-3 [151-2], grifo meu).¹⁶

Em consonância com a sua tentativa de mostrar a explanação do mental através do neurobiológico como *causalmente necessária* (cf. seção IV), Searle procura tornar essa objeção contra Nagel mais clara imaginando um modo como se poderia apresentar a necessidade da relação entre mente e cérebro:

Suponha que Deus ou uma máquina pudessem simplesmente detectar relações causalmente necessárias; então, para Deus ou a máquina não haveria nenhuma diferença entre as formas de necessidade matéria/matéria e as formas de necessidade matéria/mente. (SEARLE, 1992, p. 103 [152]).

¹⁶ Me parece extremamente plausível que Searle esteja se inspirando, nesta passagem, na teoria da afiguração (picture theory, em inglês) de Wittgenstein. No seu *Tractatus Logico-Philosophicus* Wittgenstein afirma que uma afiguração não pode afigurar a sua forma da afiguração, porque ela não pode se colocar fora dessa forma: “Sua forma de afiguração, porém, a figuração não pode afigurar; ela a exhibe.” (WITTGENSTEIN, 2001: 2.172) “A figuração representa seu objeto de fora (seu ponto de vista é sua forma de representação); por isso a figuração representa seu objeto correta ou falsamente.” (WITTGENSTEIN, 2001: 2.173) “A figuração, porém, não pode colocar-se fora de sua forma de representação.” (WITTGENSTEIN, 2001: 2.174).

Me chama especialmente a atenção que ele fale nessa citação de “relações *causalmente* necessárias” pois no argumento de Nagel não se trata de uma necessidade *causal*. Nagel fala de **necessidade** (cf. NAGEL, 1974: 445-6) mas à pergunta acerca de qual tipo de necessidade ele tem em mente, a necessidade *causal* não me parece ser uma resposta plausível. Nagel recorre explicitamente à nossa “imaginação” – cf. NAGEL, 1974: 439) para formular o problema da explanabilidade, o que indica que ele tem em mente uma questão *epistêmica*, ou seja, a necessidade ou contingência que tem a ver com aquilo que podemos *imaginar* ou *conceber*. O próprio Searle afirma que o argumento atacado por ele diz respeito às nossas capacidades de concepção de modo que o uso do conceito de necessidade causal na passagem acima é estranho. Essa concepção de uma necessidade *causal* surge na verdade na teoria de Searle e não na de Nagel. Sendo assim, é como se ele, ao discutir a concepção de Nagel, tivesse em mente a sua própria solução para o problema mente-corpo.

Com as reflexões apresentadas nesta seção Searle procura elucidar por quais motivos não podemos perceber a necessidade da relação entre mente e cérebro (simplesmente porque não podemos sair da nossa subjetividade) e afirma que essa relação, entretanto, é sim necessária (como ilustra o exemplo de Deus ou da máquina) – apesar de nossa incapacidade de perceber essa necessidade. O modo como Searle concebe tal necessidade é o de *relações causais* entre processos cerebrais determinados e determinados estados de consciência.

B) NECESSIDADE CAUSAL

A solução completa do problema mente-corpo consistiria segundo Searle na resolução tanto do problema *conceitual* quanto do *empírico*, mas o naturalismo biológico foi pensado apenas para a primeira dessas tarefas (a conceitual). A resolução da tarefa empírica remanescente exigiria segundo ele a formulação de *explicações causais* (cf. SEARLE, 1992, p. 100 [148]) Ao falar desse tipo de explicação Searle tem em vista simplesmente a constatação de *relações causais* – nesse caso entre processos cerebrais e estados de consciência.¹⁷ O primeiro passo é constatar a correlação entre determinados fenômenos – uma correlação empírica – mas então é necessário ainda testar se se trata de fato de *causação*¹⁸, ou seja, se um fenômeno é *necessário* e *suficiente* para o outro fenômeno.¹⁹ Poder-se-ia objetar

¹⁷ Argumentando para o modelo causal de explicação, Searle afirma: “Se aplicarmos estas lições ao estudo da mente, parece-me que não há dificuldade em *explicar* as relações da mente com o cérebro em termos de funcionamento cerebral para *causar* estados mentais.” (SEARLE, 1984, p. 22 [28], grifos meus)

¹⁸ “Primeiro nós encontramos correlações entre fenômenos empíricos brutos. Então nós testamos as correlações para causalidade manipulando uma variável e vendo como ela afeta as outras.” (SEARLE, 2002, p. 49) “First we find correlations between brute empirical phenomena. Then we test the correlations for causality by manipulating one variable and seeing how it affects the others.”

¹⁹ “O que nós estamos tentando estabelecer idealmente é uma prova de que o elemento *não está apenas correlacionado* com a consciência, mas sim que ele é tanto *causalmente necessário* quanto *causalmente suficiente*, outras variáveis permanecendo constantes, para a presença da consciência.” (SEARLE, 2002, p. 50) “what we are trying to establish ideally is a proof that the element is *not just correlated* with consciousness, but that it is both *causally necessary and sufficient*, other things being equal, for the presence of consciousness.”

contra essa estratégia que ela *confunde* tipos diferentes de necessidade (cf. seção III. B). Uma coisa é constatar correlações causais. Uma outra coisa totalmente diferente é poder perceber que um fenômeno se segue de outro com *necessidade conceitual*.²⁰ Porém Searle parece pensar exatamente que a constatação de correlações causais é suficiente para fornecer uma *explicação* de um fenômeno através de outro, propiciando um certo tipo de *entendimento* acerca do fenômeno explicado. A tentativa de Searle parece ser *driblar* a formulação de Nagel. Não precisaríamos de modo algum de uma explicação que tornasse compreensível a relação necessária entre fenômenos mentais e os processos cerebrais subjacentes a eles. Tudo o que precisaríamos seria a constatação de relações causais. Em *Mind: A Brief Introduction* Searle imagina uma situação na qual o problema da relação dos fenômenos mentais para com sua base biológica estivesse solucionado. Ele supõe o seguinte:

Suponha que realmente encontrássemos os vários *correlatos* neuronais do campo unificado de consciência. Suponha que pudéssemos então, como um

²⁰ A esse respeito LEVINE (1997, p.548) escreveu: “A idéia básica é que a redução deveria explicar o que é reduzido, e o modo como nós constatamos se esse resultado foi alcançado é examinando se o fenômeno a ser reduzido é tornado epistemologicamente necessário pelo fenômeno redutor, isto é, se nós podemos ver porque, dados os fatos citados na redução, as coisas tem de ser do modo como elas se parecem na superfície.” “The basic idea is that a reduction should explain what is reduced, and the way we tell whether this has been accomplished is to see whether the phenomenon to be reduced is epistemologically necessitated by the reducing phenomenon, that is, whether we can see why, given the facts cited in the reduction, things must be the way they seem on the surface.”

segundo passo, mostrar que esses elementos correlacionados fossem de fato *causas*. Isto é, suponha que pudéssemos – por assim dizer – ativar a consciência ao ativar esses processos neurobiológicos e desativar a consciência ao destivar aqueles processos. Suponha, como um terceiro passo, que desenvolvêssemos então uma *teoria* de como todo o sistema trabalhava. Isto é, suponha que pudéssemos embutir as asserções de correlações causais em asserções de princípios e leis gerais. *Me parece que isso é precisamente a estrutura que temos aceitado em outros setores da ciência.* (SEARLE, 2004, p. 146, grifos meus)²¹

Para uma tal estratégia não existem, segundo ele, dificuldades insuperáveis, pois como ele escreve a esse respeito: “os testes usuais para relações causais podem ser aplicados às relações do cérebro/consciência da mesma forma que podem ser aplicados a quaisquer fenômenos naturais.” (SEARLE, 1992, p. 103 [152]) A solução do problema da explanação seria para Searle a seguinte: se pudéssemos concluir a partir de correlações empíricas a existência de relações causais entre processos cerebrais e fenômenos mentais, e se pudéssemos construir um *modelo geral* dessas relações através de uma *teoria*,

²¹ “Suppose we actually found the various neuronal *correlates* for the unified conscious field. Suppose we could then, as a second step, show that these correlated elements were in fact *causes*. That is suppose we could – so to speak – turn on consciousness by turning these neurobiological processes on, and turn off consciousness by turning them off. Suppose, as a third step, we then developed a *theory* as to how the whole system worked. Suppose, that is, that we could embed the statements of causal correlations in statements of general laws and principles. *It seems to me that this is precisely the structure that we have accepted elsewhere in science.*”

então o problema da explanação estaria resolvido, mesmo se essa explanação não fosse intuitivamente evidente como no caso da liquidez e do movimento molecular, pois “o conhecimento das relações causais *lawlike* nos fornecerá toda a necessidade causal de que precisamos.” (SEARLE, 1992, p. 103 [152]). Ele argumenta que esse tipo de explicação fornece um certo tipo de *entendimento* acerca dos fenômenos mentais chamando a atenção para os progressos das neurociências:

Não há nenhuma dúvida de que determinados tipos de semelhanças e diferenças neurofisiológicas são causalmente suficientes para determinados tipos de semelhanças e diferenças em experiências visuais. Além disso, podemos e iremos decompor a grande questão – como o cérebro causa a consciência? – em uma porção de questões menores (por exemplo: como a cocaína produz determinadas experiências características). E as respostas detalhadas que estamos começando a dar (por exemplo: a cocaína obstrui a capacidade de determinados receptores sinápticos de reabsorver a norepinefrina) já levam em consideração as inferências características que acompanham a necessidade causal (por exemplo: se você eleva a dose de cocaína, intensifica o efeito). (SEARLE, 1992, p. [152-3]).²²

Porém, a questão sobre se esse tipo de necessidade é realmente suficiente será discutida a seguir.

²² Em textos mais recentes (cf. SEARLE, 2002, pp. 50-8; 2004, pp. 150-6) Searle abandona essa estratégia de dividir o grande problema da consciência em problemas relativos a vivências conscientes específicas (que ele chama de *building block approach*), preferindo a abordagem que procura os correlatos neurais [Continua]

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fragilidade de alguns dos argumentos de Searle contra a tese de Nagel acerca da impossibilidade (no atual estado de nossos conhecimentos) de uma explicação da consciência em termos objetivos foram indicadas na terceira seção do presente trabalho: a sugestão de que nem todas as explicações científicas são capazes de fornecer uma necessidade intuitiva compara *indevidamente* propriedades sistêmicas complexas (fenômenos mentais) com leis físicas básicas (cf. seção III.A); a simples afirmação de que conexões nomológicas são satisfatórias como explicações dos fenômenos mentais através de processos cerebrais não é suficiente para refutar a tese da lacuna explanatória, um argumento tem de ser apresentado (cf. seção III.B). Cabe agora fazer um exame crítico dos argumentos expostos na quarta seção acima.

A alegação de Searle de que não podemos perceber a relação necessária entre processos cerebrais e fenômenos mentais *pelo fato de já estarmos na subjetividade* (cf. seção IV.A) me parece interessante como tentativa de explicar a (pelo menos aparente) contingência dessa relação para nosso entendimento. De fato, quando estamos imersos em uma determinada perspectiva (como por exemplo uma determinada tradição cultural) temos grandes dificuldades para

[Continuação da Nota 22] da vivência consciente como um todo (*unified-field approach*). Mas essa mudança não altera o fato de que Searle busca explicações causais da consciência (segundo o modelo discutido anteriormente) a partir de processos cerebrais objetivos, no sentido contrário à concepção de Nagel (cf. seção II).

perceber as coisas fora dela, e na subjetividade (no sentido introduzido na filosofia contemporânea da mente por Thomas Nagel – cf. seção II) estamos imersos de um modo ainda mais radical do que na nossa tradição cultural. Entretanto, o alcance dessa consideração de Searle me parece muito limitado, pois ele não faz muito além de *afirmar* que não podemos perceber a relação necessária por estarmos inseridos na subjetividade. Penso que ele teria de desenvolver mais essa idéia e justificá-la, para realmente fornecer um argumento convincente. Uma observação como “se a solidez fosse consciente, iria parecer-lhe misterioso que fosse causada por movimentos vibratórios em estruturas de agregados” (SEARLE, 1992, p. 102-3 [151-2]), evidencia o caráter altamente metafórico e especulativo dessas considerações do autor.

Quanto à tentativa de nos convencer de que uma necessidade causal seria suficiente (cf. seção IV. B), penso que ela também deixa muito a desejar, e os motivos para isso já foram parcialmente indicados na passagem de Nida-Rümelin citada acima (cf. NIDA-RÜMELIN, 2002a, p. 216). A autora coloca que os defensores da tese da lacuna explanatória não duvidam de que poderíamos conhecer leis naturais que conectem processos cerebrais com fenômenos mentais, mas negam que o conhecimento de tais leis nos desse *entendimento* de como os processos cerebrais geram um sujeito da experiência e causam a ocorrência de um aspecto qualitativo específico. Em outro texto, o “entendimento” é caracterizado pela autora da seguinte maneira: “Uma dada explicação transmite um entendimento do que significa que uma certa

regularidade subsiste, se a possibilidade de que essa regularidade não subsistisse, não é mais coerentemente concebível para uma pessoa racional que compreende a explicação.” (NIDA-RÜMELIN, 2002b, p.330) Parece claro que o modelo de explicação causal oferecido por Searle não é capaz de prover esse tipo de entendimento. Por mais detalhada que seja a descrição do processo cerebral que está correlacionado, por exemplo, à dor ou à sensação de vermelho, o exame dessa descrição não parece capaz de excluir a possibilidade de que aquele processo cerebral estivesse correlacionado a uma outra sensação, que não aquela à qual ele está, de fato, correlacionado, ou excluir a possibilidade de que aquele processo cerebral *não estivesse* correlacionado a sensação nenhuma.

A fragilidade da concepção de explicação de Searle também é evidenciada, a partir de um outro ponto de vista, por algumas considerações de Jaegwon Kim (2005) sobre o problema da lacuna explanatória. Kim se refere à tradição do emergentismo britânico, uma corrente filosófica do início do século XX que desafiava as explicações mecanicistas (hoje poder-se-ia dizer “reducionistas”) dos fenômenos naturais e humanos, considerando que a realidade se divide em *níveis* de fenômenos, que emergiriam dos níveis a eles subjacentes sem que pudessem ser explicados nos termos desses níveis dos quais eles emergem. A vida, por exemplo, emergiria da interação dos processos físico-químicos, sem que fosse possível, nem mesmo a partir de um conhecimento completo desses processos, *prever* que ela emergiria antes que de fato emergisse (o mesmo se

aplicaria à emergência dos fenômenos psíquicos e sociais a partir de processos biológicos). Segundo Kim, os emergentistas britânicos, com o objetivo de deixar clara a maneira como uma explicação dos fenômenos emergentes é impossível, distingüiam entre dois tipos de *previsão*, a *previsão indutiva* e a *previsão teórica* (cf. KIM, 2005, p. 104). A *previsão indutiva* estaria assegurada quando, após constatar repetidas vezes a correlação entre dois fenômenos (p. ex. digamos a dor e um determinado tipo de processo cerebral), pudéssemos prever que um fenômeno ocorreria (p. ex. a dor) quando o outro fenômeno (p. ex. um processo cerebral determinado) ocorresse. Entretanto, o tipo decisivo de *predição* (que nos autorizaria realmente a dizer que o fenômeno está explicado) seria a *predição teórica*, que é uma *predição* que seria feita a partir do conhecimento referente *apenas* ao nível de base. Considerando apenas o nível molecular, podemos prever, observando modificações no padrão de movimentos de moléculas, que um determinado sistema estará no estado sólido, líquido ou gasoso, sem ter de recorrer a correlações entre o movimento das moléculas e o estado do sistema e tirar daí uma, sempre frágil, conclusão indutiva. O caso é que, a observação da atividade neuronal não nos permite prever que tipo de fenômeno mental será produzido, se nós não levarmos em conta as correlações entre os padrões de atividade neuronal e os fenômenos mentais constatadas ao longo de uma série de casos particulares.

Ao oferecer um modelo de explicação causal, Searle pretende alcançar, apenas previsões indutivas, mas uma *previsão indutiva*, no meu modo de entender, é

algo muito limitado, incapaz de responder a todas as nossas dúvidas a respeito do fenômeno que está sendo explicado, e sempre sujeita a ser descartada por fatos novos que não se adequem à conclusão obtida anteriormente através da indução. Sendo assim, o modelo de explicação causal proposto por Searle termina ficando aquém da tarefa que ele se propõe a cumprir: explicar os fenômenos mentais através de processos cerebrais. Portanto, os argumentos de Searle contra a concepção de Nagel (segundo a qual os fenômenos mentais não podem ser explicados por meio de fenômenos objetivos, como por exemplo os processos cerebrais) não são capazes de refutá-la.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) BECKERMANN (1986) *Descartes' metaphysischer Beweis für den Dualismus: Analyse und Kritik*. Munique: Alber.
- 2) KIM, J. (2005) *Physicalism, or something near enough*. Princeton; Oxford: Princeton University Press.
- 3) KRIPKE (2001) *Naming and Necessity*. Cambridge MA: Harvard University Press.
- 4) LEVINE (1983) "Materialism and Qualia: The Explanatory Gap" In: *Pacific Philosophical Quarterly* 64, pp. 354-61.
- 5) _____ (1997) "On Leaving Out What Is Like" In: BLOCK, N.; FLANAGAN, O.; GÜZELDERE, G. (Orgs.) *The Nature of Consciousness: Philosophical Debates*. Cambridge (Mass.): MIT Press. pp. 543-555.
- 6) NAGEL, T. (1974) "What is it like to be a bat?" In: *Philosophical Review* 4 vol 83, pp. 435-50.
- 7) NIDA-RÜMELIN, M. (2002a) "Causal Reduction, Ontological Reduction and First-Person Ontology. Notes on Searle's Views about Consciousness." In: GREWENDORF, G.; MEGGLE, G. (Org.) *Speech Acts, Mind and Social Reality: Discussions with John R. Searle*. Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers. pp. 205-21.
- 8) _____ (2002b) "Erklärbare und nicht erklärbare Aspekte phänomenalen Erlebens." In: PAUEN, M. & STEPHAN, A. (Org.) *Phänomenales Bewusstsein – Rückkehr zur Identitätstheorie?* Paderborn: Mentis Verlag. pp. 330-341.

- 9) SEARLE, J. R. (1983) *Intentionality: a essay in the philosophy of mind*. Cambridge: Cambridge University Press. [*Intencionalidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995].
- 10) _____ (1984) *Minds, Brains and Science*. Cambridge Mass., Harvard University Press. [*Mente Cérebro e Ciência*. Lisboa: Edições 70, s/d].
- 11) _____ (1992) *The Rediscovery of the Mind*. Cambridge Mass., London: MIT Press. [*A redescoberta da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1997].
- 12) _____ (2002) *Consciousness and Language*. Cambridge (UK): Cambridge University Press.
- 13) _____ (2004) *Mind: a brief introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- 14) WITTGENSTEIN, L. (2001) *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: Edusp.